

A invenção de uma comunidade eclesial orgânica: ação pastoral e teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos

The invention of an organic ecclesial community: pastoral action and theologians as organic intellectuals

Wallace Soares da Cruz¹

Resumo: Ensaia-se uma aproximação simbiótica entre o conceito de intelectual orgânico, em Gramsci, e a ação pastoral como práxis transformadora, visando elucidar o papel e representatividade da teóloga e teólogo na formação de uma comunidade eclesial orgânica. O modelo pastoral das CEBs é refletido no intuito de localizar algumas fragilidades epistemológicas quanto ao empreendimento hermenêutico-teológico nelas desenvolvido e aplicado. A ação pastoral como práxis transformadora é refletida como uma prática a ser desenvolvida e desempenhada por teólogas e teólogos orgânicos em comunidades eclesiais orgânicas. Novos paradigmas interpretativos da Bíblia são sugeridos como caminho para atualização e continuidade do trabalho iniciado e realizado pelas CEBs. A formação de uma comunidade eclesial orgânica representa um campo fértil para o desenvolvimento de uma teologia encarnada, engajada e sensível à realidade das pessoas em situação de sofrimento na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Comunidade Eclesial Orgânica; Práxis Transformadora; Teólogas e Teólogos Orgânicos.

Abstract: A symbiotic approximation is rehearsed between the concept of the organic intellectual, in Gramsci, and pastoral action as a transformative praxis, aiming to elucidate the role and representativeness of the theologian in the formation of an organic ecclesial community. The pastoral model of the CEBs is reflected in order to locate some epistemological weaknesses regarding the hermeneutic-theological enterprise developed and applied in them. Pastoral action as a transformative praxis is reflected as a practice to be developed and performed by organic theologians in organic ecclesial

1

Recebido em: 06 de set. de 2023

Aceito em: 18 de out. de 2023

communities. New interpretive paradigms of the Bible are suggested as a way to update and continue the work initiated and carried out by the CEBs. The formation of an organic ecclesial community represents a fertile field for the development of an incarnate theology, engaged and sensitive to the reality of people in situations of suffering in contemporary society.

Keywords: Organic Ecclesial Community; Transformative Praxis; Theologians and Organic Theologians.

Introdução

O artigo ensaia uma aproximação entre a categoria gramsciana de intelectual orgânico com a ação pastoral como praxis transformadora, e articula uma hipótese acerca do papel e da importância da teóloga e do teólogo na formação de uma comunidade eclesial orgânica.² O objetivo corolário consiste em intuir a formação de uma comunidade eclesial eivada de uma teologia sensível aos aspectos literários e sociais da Bíblia, à luz de novos paradigmas interpretativos, e aberta à dinâmica de interação com a realidade contemporânea. Trata-se, dessa forma, de um exercício de imaginação de um espaço a atuação de teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos.³

Para tanto, recupera-se como modelo a ser atualizado alguns elementos que envolvem a atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)⁴, porque elas representaram uma forma de organização religiosa e pastoral em torno de paróquias urbanas ou rurais vinculadas à Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil. No

² No pensamento gramsciano, há certa rejeição em ofertar a religião como solução de demandas sociais de classe. Porém, acredita-se que, na esteira da articulação de uma hipótese incipiente, há perguntas que consideram em que nível, até que ponto ou se seria possível aproximar o conceito de intelectual orgânico à ação pastoral. Mesmo em conflito com a originalidade proposta por Gramsci, o conceito em tela foi interpretado sob outras óticas. Para uma compreensão mais sistematizada desse assunto, sugere-se a leitura do seguinte manuscrito: SILVA, José S. Intelectual orgânico: organizador, educador e dirigente político. *Revista Plurais*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 84-105, 2011. p. 85-91.

³ AURÉLIO, Leonardo B.; ULRICH, Claudete B. O teólogo e teóloga como intelectuais orgânicos: construção de uma esperança ativa. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 120-134, 2017, p. 127.

⁴ De acordo com Frei Betto, as CEBs se configuram como: *comunidades*, “porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma igreja e moram na mesma região”; *eclesiais*, pois foram “congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé”; *de base*, porque são “integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos”. Saiba mais em: BETTO, Frei. *O que é comunidade eclesial de base*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 7.

período do regime militar brasileiro, com a participação de católicos romanos, protestantes e outros agentes, as CEBs centraram seus esforços na defesa dos interesses das pessoas em situação de pobreza, aproximando-se mais da organização e das mobilizações das classes populares. Em geral, elas se abriram “ao movimento popular, ajudando a criar ou a fortalecer formas de organização popular autônomas, desvinculadas do Estado e da Igreja”⁵.

O dinamismo das CEBs foi impulsionado pelos círculos bíblicos que serviram, muitas vezes, como subsídio metodológico e nos quais a Bíblia era relida e comparada à luz dos fatos da vida e de circunstâncias coetâneas.⁶ Por isso, o interesse do artigo não recai sobre o *modus operandi* das CEBs, e sim sobre o empreendimento teológico-hermenêutico nelas desenvolvido e realizado que impulsionou o deslocamento da Bíblia de seu uso eclesiástico para o nível popular, dando-lhe, nesse sentido, relevância pastoral.

Através da pesquisa bibliográfica, pretende-se apontar alguns limites teórico-metodológicos da hermenêutica bíblica latino-americana – fundamento do trabalho realizado nas CEBs –, perguntando em que medida essas comunidades emergiram como “a voz dos que não têm voz”⁷. Reflete-se sobre a ação pastoral enquanto práxis transformadora a ser desenvolvida em comunidades eclesiais orgânicas, através de teólogas e teólogos, na contemporaneidade. Sugere-se a formação de uma comunidade eclesial orgânica, a partir de novos paradigmas interpretativos do texto bíblico, como possibilidade de atualização e continuidade do trabalho iniciado e realizado pelas CEBs. Essa aproximação é possível, uma vez que a atuação dos intelectuais orgânicos das classes subalternizadas tem uma função de “educadores das massas”, considerando a construção da contra-hegemonia que pressupõe a transformação de uma nova hegemonia, em um processo revolucionário. Tal função implica na caracterização da mundividência dos intelectuais orgânicos e na exibição das relações que ocorrem entre esses intelectuais e a massa.

Depreende-se, pois, que uma comunidade eclesial orgânica emerge como um campo fértil para o exercício de teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos, uma vez que sua organicidade pressupõe uma espiritualidade engajada nas circunstâncias da vida concreta, em especial das pessoas em situação de sofrimento e pobreza na sociedade hodierna. Teólogas e teólogos orgânicos estabelecem relações interdisciplinares com outras ciências e, por

⁵ BETTO, 1981, p. 8.

⁶ MESTERS, Carlos. Como se faz teologia bíblica hoje no Brasil. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 1, p. 7-19, 1984, p. 18.

⁷ BETTO, 1981, p. 8.

isso, podem contribuir no processo de formação de uma comunidade eclesial orgânica.

1. Fragilidades teórico-metodológicas na hermenêutica da libertação latino-americana

Existem, pelo menos, duas fragilidades teórico-metodológicas desenvolvidas e defendidas no interior da Teologia da Libertação, mormente entre o círculo dos biblistas⁸, que merecem uma atualização à luz de novas teorias e paradigmas interpretativos do texto bíblico. A hermenêutica da libertação defendeu, com unhas e dentes, a necessidade de *subserviência da exegese à pastoral* bem como a existência de *sujeitos intérpretes privilegiados*, nos processos de mediação exegético-hermenêutico que aconteciam no interior das CEBs. Esse quadro será ilustrado com as contribuições de Milton Schwantes e Carlos Mesters, que demonstraram um interesse comum em relacionar a exegese especializada com a vida das pessoas mediante ações educativas, culturais e organizativas nos círculos bíblicos realizados nas CEBs.

1.1. Subserviência da exegese à pastoral como fragilidade teórico-metodológica

Para sustentar seus argumentos da necessidade de subserviência da exegese especializada à pastoral,⁹ Milton Schwantes precisou romper completamente com os pressupostos teórico-metodológicos da exegese alemã, base de sua formação acadêmica, aproximando-se mais do horizonte hermenêutico latino-americano e de suas apropriações e proposições *autóctones*. Ele propôs uma simbiose entre a leitura sociológica da Bíblia e a busca pelo *Sitz im Leben* como subsídio teórico-metodológico para a defesa de seus

⁸ Mediante à falta de esclarecimentos acerca da definição desse termo no Brasil, ele será considerado aqui como epíteto para classificar pesquisadores e pesquisadoras das Ciências Bíblicas, considerados teólogos da libertação, que optaram metodologicamente pela leitura da Bíblia na perspectiva da “opção pelos pobres latino-americanos e sua libertação”. Saiba mais em: TERRA, Kenner R. C. Opção pelos pobres e recepção da Bíblia: a leitura bíblica na teologia da libertação. *Revista Reflexus*, Vitória, a. VI, n. 8, p. 63-75, 2012, p. 63.

⁹ SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 1, p. 31-49, 1984, p. 32.

interesses e inclinações políticas.¹⁰ Schwantes postulou que a “exegese precisa ajudar a virar, a revirar as ordens estabelecidas, as que criam pobres [...] exegese que se repete se atola”¹¹.

Os critérios estabelecidos por Schwantes situam a exegese como uma ciência simples, porém, arriscada, que não deveria se deter nos limites das repetições, exigindo do intérprete a capacidade de identificar os elementos concretos que, segundo ele, perpassam as perícopes¹² bíblicas. “Os estudos históricos e sociológicos nos mostram o quanto os conteúdos escriturísticos estão conectados a situações concretas, a momentos determinados”¹³, explica Schwantes.

A hermenêutica bíblica de Schwantes privilegia os conflitos do mundo bíblico marcados pelas tensões entre o campo e a cidade. No debate atual, considera-se que as relações antagônicas campo *versus* cidade coloriram não apenas o horizonte hermenêutico de Schwantes, mas, também, o modo como ele interpretou os problemas sociais de sua época.¹⁴ Para este biblista, a exegese representa apenas um primeiro passo, um ponto de partida crucial, mas não o único no processo hermenêutico, que, de alguma forma, deveria culminar em contribuições para a pastoral.¹⁵

Na mesma intensidade, Mesters procurou aproximar a exegese da vida das pessoas, uma vez que ele entendia que o povo reunido nas CEBs demonstrava uma atitude hermenêutica que extrapolava

¹⁰ Para Schwantes, a Bíblia deveria ser interpretada em um horizonte histórico-social e, para tanto, a metodologia exegética precisaria ultrapassar os limites teórico-metodológicos da exegese especializada, deslocando-se, assim, no campo pragmático, de uma leitura heurística para uma leitura política do texto bíblico. Sobre isso, leia: RIBEIRO, Osvaldo L. Viver hermeneuticamente no mundo: pragmática como ação humana intencional e situada. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 105-120, 2009, p. 115-116.

¹¹ SCHWANTES, Milton. Javé abrigou: anotações teológicas à luz do livro de Sofonias. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 13, p. 25-44, 1997, p. 44.

¹² Na literatura desse biblista, elas são consideradas pequenas unidades literárias que representam a materialização da memória popular e campesina do mundo antigo, em texto escrito, eivadas de interesses e conflitos sociais. Para mais informações, consulte: SCHWANTES, 1984, p. 36-37.

¹³ SCHWANTES, Milton. Caminhos da teologia bíblica. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 24, p. 9-19, 1989, p. 11.

¹⁴ CRUZ, Wallace S. *O lugar do pobre para uma práxis profético-ecumênica: a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021, p. 19.

¹⁵ SCHWANTES, 1984, p. 40.

as fronteiras do texto bíblico.¹⁶ Ele defende que a exegese deveria estar em contínua prontidão para acompanhar a dialética da vida,¹⁷ trazendo à tona os elementos escamoteados *por traz das palavras*. A exegese, segundo Mesters, implica numa leitura orante na busca de um *sentido-para-nós*, cujo objetivo é o exercício da fé.¹⁸

Schwantes e Mesters brindam acordos em suas tentativas exacerbadas de correlacionar a reflexão bíblica à pastoral. Para ambos, a Leitura Popular da Bíblia (LPB) só poderia desembocar na libertação das pessoas quando a exegese se aproximasse de fato do povo empobrecido, assumindo, nesses termos, um papel subserviente à pastoral.¹⁹ Esses autores defenderam uma leitura comunitária dos textos bíblicos, partindo da premissa de que eles foram escritos coletivamente e, por isso, não poderiam ser lidos e interpretados em horizontes individualistas. Logo, no pensamento desses biblistas, as CEBs garantiam valiosas experiências democráticas a partir dos círculos bíblicos e da LPB.

No entanto, Schwantes e Mesters não estariam fazendo as devidas distinções entre a exegese acadêmica e a ação pastoral equivalentes às distinções entre a pesquisa pura e aplicada. À luz do pensamento de Horário Simian-Yofre, a análise exegética desses autores estaria mais próxima da pesquisa aplicada que da pura, pois eles intencionaram resolver problemas concretos. Tem-se aí uma primeira fragilidade: a repetição constitui a exegese acadêmica e, por essa razão, ela sempre se repetirá, pois ela pergunta o porquê de cada coisa no interior de um sistema científico.²⁰ Nessa perspectiva, a exegese clássica não compartilha interesses com o exercício da fé, como propuseram Schwantes e Mesters.

A despeito dessa primeira fragilidade, é importante ressaltar que as propostas interpretativas de Schwantes e Mesters não desprezam o rigor científico da exegese clássica. Há, na verdade, uma inversão de prioridades em que, no horizonte hermenêutico deles, a exegese não consistiria no objetivo final do processo hermenêutico, e sim em um primeiro passo na busca por um sentido bíblico-teológico aplicável à pastoral. Entretanto, esses autores acabaram sugerindo um modelo interpretativo inteiramente dependente da mediação de um/a profissional exegeta, pois as pessoas em situação de pobreza, sobretudo no auge da Teologia da

¹⁶ MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 31.

¹⁷ MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 46.

¹⁸ MESTERS, 1984, p. 10-12.

¹⁹ SCHWANTES, 1984, p. 40.

²⁰ SIMIAN-YOFRE, Horário. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 13-18.

Libertação, não poderiam facilmente dominar os critérios elementares para a interpretação da Bíblia em nível acadêmico-científico. É exatamente neste ponto que se percebe e se explica, a seguir, uma segunda fragilidade da hermenêutica bíblica realizada nas CEBs.

1.2. Sujeitos intérpretes privilegiados sempre mediados

A expressão “sujeitos intérpretes privilegiados” emergente, implícita ou explicitamente, na literatura de Schwantes e Mesters, mostra-se frágil à medida em que ela pressupõe a necessária e inevitável mediação de um especialista em exegese para escavar os elementos do mundo bíblico que serviram de base para as elucubrações hermenêuticas empreendidas pelo povo nas CEBs. Segundo Gayatri Spivak, tal mediação carrega consigo uma latente violência epistêmica,²¹ como será refletido nesta seção.

No horizonte hermenêutico da América Latina, desenvolveu-se uma dimensão comunitária e coletiva para interpretação do texto bíblico inexistente na Europa.²² Contudo, à luz das críticas de Spivak, a dimensão comunitária e coletiva das CEBs não foi capaz de superar o discurso hegemônico, porque, nesse caso, o sujeito subalterno – o povo reunido nas CEBs – não tinha o direito de fala, sobretudo em termos de análise exegética, sendo sempre intermediado pela voz de outrem, a saber: o intelectual da exegese.²³

A pensadora indiana argumenta que o sujeito subalterno só pode falar efetivamente quando puder se expressar em sua própria língua, a partir de seus próprios esquemas explicativos e de sua própria cultura. Os especialistas do campo das ciências bíblicas que atuaram nas CEBs, em especial no período da Teologia da Libertação, ao importarem o ferramental da exegese clássica europeia para a América Latina, tiveram apenas uma alternativa: mediar os processos exegéticos, oferecendo ao povo somente seus achados. Nesse sentido, a carência de habilidade acadêmico-científica para instrumentalizar elementos exegéticos mais técnicos indica que o povo, enquanto sujeito subalterno, não estaria sendo ouvido de fato.²⁴

²¹ SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 23-60.

²² SCHWANTES, 1989, p. 16.

²³ SPIVAK, 2018, p. 39-52.

²⁴ SPIVAK, 2018, p. 60-98

É preciso reconhecer o esforço empreendido por Schwantes em traduzir o conhecimento científico numa linguagem acessível para as pessoas menos favorecidas economicamente e em situação de pobreza. De acordo com a dinâmica das *afinidades eletivas* weberianas,²⁵ sua literatura demonstra uma estratégia linguística a partir da utilização de jargões comuns entre os camponeses de sua época e as pessoas envolvidas com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). No entanto, o povo reunido nas CEBs, de modo geral, não passara de receptor dos conteúdos elaborados pelas mãos dos especialistas em ciências bíblicas.

À luz das críticas de Spivak, o intérprete privilegiado era sempre o especialista em exegese, os biblistas da libertação, e não o povo empobrecido. Este último enquadra-se apenas como critério hermenêutico, pois, no interior das CEBs, nenhum ato de resistência estaria ocorrendo em nome do povo subalterno sem estar vinculado ao discurso hegemônico corolário à escola europeia. Para Spivak, o intelectual que supõe a possibilidade de falar pelo outro e através dele produzir um discurso de resistência, na verdade, acaba reproduzindo as mesmas estruturas de poder e opressão que silenciam o subalterno.²⁶

Com efeito, o caráter subserviente da exegese à pastoral ao lado da alegação da existência de sujeitos intérpretes privilegiados são argumentos frágeis à medida em que limitam a confluência harmoniosa entre teoria e prática no interior das CEBs e silenciam a expressividade do povo nos processos de mediação hermenêutica. Diante dos limites epistêmicos apontados até aqui, não seria inútil afirmar que as CEBs não lograram êxito em suas tentativas de ser a “voz dos que não têm voz”. O povo falava, mas não a partir de seus próprios esquemas explicativos, ou seja, era sempre mediado pelos intelectuais das ciências bíblicas.

Entretanto, o trabalho desenvolvido nas CEBs não apenas foi, mas continua sendo pertinente e necessário na atualidade, e isso abre lacunas para apresentar propostas teórico-práticas e novos paradigmas interpretativos do texto bíblico, no intuito de mitigar as fragilidades epistêmicas identificadas e contribuir para a formação de uma comunidade eclesial orgânica.

2. A ação pastoral como práxis transformadora e o papel de teólogos e teólogos orgânicos

²⁵ LÖWY, Michel. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. *Revista Plural*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2011. p. 142.

²⁶ SPIVAK, 2018, p. 23-60.

Já foi dito que o propósito teórico-prático deste artigo consiste em aproximar a ação pastoral, enquanto práxis transformadora, ao conceito gramsciano de intelectual orgânico, elucidando o papel e a importância da teóloga e do teólogo como intelectuais orgânicos. Também foi possível notar que a ação pastoral, por si só, era o grande objetivo das CEBs no contexto da Teologia da Libertação, e que o trabalho pastoral nelas desenvolvido e realizado pretendia ser “eminente popular, capaz de despertar nos fieis a dimensão social e política da fé cristã”²⁷.

O conceito de intelectual orgânico, segundo Gramsci, pressupõe a fusão e a atuação de agentes no interior das classes sociais elementares, com o objetivo de propagar visões de mundo e legitimar os interesses dos grupos sociais que representam, assim como o trabalho realizado nas CEBs pelas teólogas, teólogos e biblistas da libertação. Há um aspecto comum entre a ideia de uma educação emancipatória, em Gramsci, com o trabalho realizado pelas CEBs, a saber, o pensamento gramsciano sugere que o caminho para conquistar a hegemonia proletária parte da superação do corporativismo e da destruição da ideologia que a classe dominante instrumentaliza e exerce sobre a classe subalterna com a construção de outra concepção de mundo que possibilite ascender do senso comum ao pensamento filosófico. As CEBs nasceram com essa proposta, porém, com um diferencial: a Bíblia como uma espécie de pedágio imagético para alcançar tais objetivos. Ou seja, no interior das CEBs e em Gramsci, a direção cultural e política de uma classe social sobre a sociedade – mesmo que nas CEBs isso tenha sido feito com o uso da Bíblia – se dá por intermédio de seus intelectuais.

Para Gramsci, não era suficiente apenas unir-se às classes sociais, mas os intelectuais orgânicos deveriam emergir como portavozes nos estratos sociais, intencionando organizar e gerar uma consciência crítica acerca das funções que as pessoas desempenham na sociedade. Logo, seu papel consiste em estruturar a sociedade para contestar os meios de produção estabelecidos.²⁸ É importante mencionar que tal consciência crítica com potencial de estruturar a sociedade para contestação emerge de uma consciência de classe capaz, inclusive, de realizar críticas religiosas. Nas palavras Gramsci: “é preciso [...] demonstrar preliminarmente que todos [os seres humanos] são ‘filósofos’, definindo limites e as características desta ‘filosofia espontânea’, peculiar a ‘todo o mundo’, isto é, da filosofia

²⁷ BETTO, 1981, p. 26.

²⁸ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 36.

que está contida”²⁹, sobretudo, “na religião popular e, conseqüentemente em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por folclore”³⁰.

No horizonte teológico da Teologia da Libertação, segundo a dinâmica das CEBs, bem como no pensamento de Gramsci, a ausência de vínculos orgânicos pode obscurecer a visão dos intelectuais e, com efeito, sua produção e engajamento, que sempre se localiza na história e geograficamente.³¹ Logo, a ação pastoral como práxis transformadora apresenta fundamentos plausíveis para um engajamento teológico na história da luta das pessoas em situação de sofrimento na sociedade contemporânea. Nesse sentido, a proposta de formação de uma comunidade eclesial orgânica sobressai como necessária para a atuação de teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos.

Diante das fragilidades teórico-metodológicas identificadas na hermenêutica da libertação latino-americana, é preciso ter a consciência de que a prática pastoral das CEBs possui seus próprios limites epistêmicos, impossibilitando-as, amiúde, de assumirem a vanguarda do processo de resistência, mudança social e política a partir de uma ação mediada por uma teoria. É necessário, pois, centrá-las em categorias analíticas menos genéricas e mais imediatamente associadas à uma proposta prática. Uma dessas categorias analíticas é a da ação pastoral como práxis transformadora, sobretudo na sua dimensão que considera o contexto econômico, político e cultural numa sociedade caracterizada pela injustiça na ótica preferencial pelos pobres, segundo o horizonte hermenêutico-teológico da Teologia da Libertação,³² o que novamente permite uma aproximação com o conceito gramsciano de intelectual orgânico.

A ação pastoral como práxis transformadora, no pensamento de Brighenti, é uma *ação refletida*, não meramente prática em oposição à teoria, mas uma ação que precisa ser pensada antes, durante e após sua execução. Trata-se de uma ação que, em nível semântico, aproxima-se da práxis, porque exige compromisso e consciência crítica. Em outras palavras e em uma chave de leitura marxista, uma ação transformadora. De modo sumário, uma ação

²⁹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: introdução ao estudo da filosofia – a filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 93.

³⁰ GRAMSCI, 2011, p. 93.

³¹ GRAMSCI, 1982, p. 37-41.

³² BRIGHENTI, Agenor. Ciência da Religião aplica à ação pastoral. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013, p. 666.

refletida consiste em uma ação articulada com a reflexão crítica, que necessita de uma mediação na sua projeção e avaliação, bem como precisa estabelecer uma relação inter e transdisciplinar com as diferentes áreas do conhecimento.³³

Na dimensão das superestruturas, os intelectuais orgânicos têm uma função essencial de organizar a cultura, uma vez que atuam como edificadores de uma consciência singular e da hegemonia da classe social que se vinculam.³⁴ Mas, para Gramsci, “todo novo organismo histórico [...] cria uma nova superestrutura, cujos representantes especializados e porta-vozes [...] só podem ser concebidos como ‘novos’ intelectuais, surgidos da nova situação, e não a intelectualidade precedente”³⁵. Nessa ótica, a revolução contra-hegemônica culminaria em uma nova hegemonia em benefício das classes subalternas, mediante a ação dos intelectuais orgânicos. Por isso, dentre os espaços de atuação dos intelectuais orgânicos, Gramsci menciona a igreja, que, ao lado das escolas e dos sindicatos, por exemplo, fundamentam e veiculam a ideologia dominante – aparelhos de hegemonia –, segundo a linguagem de Althusser. Acerca da igreja, Gramsci relembra a submissão do cristianismo ao Império Romano, de modo que o cristianismo se revelou como uma força de resistência entre os povos e as classes subalternizadas por Roma.³⁶

Nessa ótica, a atuação de teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos é capaz de fazer com que o processo revolucionário e contra-hegemônico desemboque em uma nova hegemonia a partir das classes subalternas da sociedade. À luz do pensamento de Marcos Del Roio, considera-se que teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos podem atuar como “organizadores da cultura, como construtores da consciência unitária e da hegemonia da classe à qual estão vinculados”³⁷, desempenhando, assim, o papel de educadores das massas.

A despeito das fragilidades epistemológicas delineadas anteriormente nos argumentos defendidos entre os biblistas da libertação, Schwantes não costumava fazer distinção entre o papel da igreja e dos movimentos sociais e populares, pelo contrário, para ele, “as experiências desenvolvidas nas [CEBs] e a liturgia das igrejas deveriam corresponder à organização do povo, promovendo espaços

³³ BRIGHENTI, 2013, p. 664.

³⁴ SILVA, 2011, p. 100.

³⁵ GRAMSCI, 1982, p. 177.

³⁶ GRAMSCI, 1982, p. 140.

³⁷ ROIO, Marcos D. Gramsci e a educação do educador. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 26, n. 70, p. 311-328, 2006, p. 326.

democráticos, em contextos autoritários e opressivos”³⁸. Não seria inútil, pois, considerar que Schwantes “teria idealizado a formação de biblistas orgânicos integrados ao povo e às lutas populares, [cuja] função [...] consistiria na oposição à visão de mundo partilhada pelas classes dominantes e pelos seus intelectuais orgânicos”³⁹. O pensamento desse biblista é importante, nesse sentido, para imaginar a formação de uma comunidade eclesial orgânica como *locus* privilegiado para atuação de teólogas e teólogos orgânicos.

Por isso, é importante pensar acerca da organicidade que envolve a atuação de teólogas e teólogos, pois elas e eles são formados para desenvolver uma consciência crítica e um papel imprescindível como agentes de transformação – a partir da ação pastoral como práxis transformadora –, para além das fronteiras da produção literária acadêmica, ou seja: “estar ligado a uma comunidade concreta, inserido vitalmente nela. Exercendo o serviço da iluminação teológica, ele pertence à caminhada da comunidade”⁴⁰. Destarte, pensar a ação pastoral como práxis transformadora a ser desenvolvida por teólogas e teólogos orgânicos pressupõe superar os limites do conhecimento teológico na direção da encarnação da teologia à luz da realidade das pessoas que sofrem na sociedade contemporânea.

O pensamento de Schwantes – que atuou como intelectual orgânico em seu tempo – lança luzes para situar a ação pastoral como práxis transformadora, executada por teólogas e teólogos orgânicos, no contexto de uma comunidade eclesial orgânica. A ação pastoral, passível de mediação, é considerada uma ação humana sujeita às contingências históricas de qualquer outra ação. Enquanto uma ação no mundo, ela precisa de uma mediação científica que extrapole as fronteiras da Teologia. Esse seria um caminho possível para que a ação pastoral seja aplicada como práxis transformadora, por teólogas e teólogos orgânicos, considerando a formação de uma comunidade eclesial orgânica que assume a ótica preferencial pelas pessoas em situação de sofrimento na sociedade. Por isso, faz-se necessário apresentar novos paradigmas de interpretação da Bíblia, uma vez que a pastoral como reflexão, segundo Bringham, representa um saber contextualizado e um pensar crítico da ação, ou

³⁸ CRUZ, Wallace S.; ULRICH, Claudete B. A formação de “biblistas orgânicos” a partir da Ciência Prática da Religião: um tributo a Milton Schwantes. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 124-143, 2023, p. 127.

³⁹ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 131.

⁴⁰ BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 33-34.

seja, uma reflexão da práxis transformadora que não envolveria apenas cristãos e cristãs, mas, também, as pessoas de modo geral.⁴¹

3. A invenção de uma comunidade eclesial orgânica

Como já dito, o foco do artigo recai sobre o empreendimento teológico-hermenêutico latino americano, exemplificado aqui a partir da literatura de dois biblistas da libertação, Schwantes e Mesters, como contributo para o deslocamento do texto bíblico de seu uso puramente eclesiástico para o nível popular, conferindo-lhe relevância pastoral. O horizonte interpretativo desses biblistas mostrou-se frágil em suas tentativas exacerbadas de submeter a exegese a um papel subserviente à pastoral, o que culminou amiúde no silenciamento – nunca intencional – da expressividade do povo nos processos de mediação hermenêutica. Tais fragilidades abrem uma lacuna para intuir a formação de uma comunidade eclesial orgânica como possibilidade de atualização e continuidade do trabalho iniciado e realizado pelas CEBs, a partir da atuação de teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos.

Nesta seção, o pensamento de Walter Brueggemann auxilia nesse projeto, facilitando a confluência entre a ação pastoral como práxis transformadora e o conceito gramsciano de intelectual orgânico, a partir de novos paradigmas interpretativos da Bíblia, elucidando a atuação de teólogas e teólogos na formação de uma comunidade eclesial orgânica. Essa praxis transformadora já atingiu níveis perceptíveis na sociedade. A título de exemplo, na década de 1980, as CEBs, e os intelectuais orgânicos de diferentes áreas do conhecimento, sobretudo os/as teólogos/as da libertação, envolveram-se no processo de formação política, organização popular e libertação de trabalhadores/as rurais no Brasil, em parceria com a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Para Scott Mainwaring, a CPT denunciava injustiças e ofereceu serviços legais, no intuito de estimular a formação de sindicatos bem como ofertar cursos que relacionavam a fé e a política.⁴²

A CPT é considerada uma das instituições mais ligadas à defesa dos direitos humanos e aos conflitos com o Estado. Segundo Daniela Issa, o nascimento da CPT deve ser localizado a partir do atendimento aos interesses de pessoas pobres rurais no território brasileiro que, para além de sua perspectiva ecumênica, deve ser

⁴¹ BRINGHENTI, 2013, p. 663-673.

⁴² MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 201.

reconhecida por sua conscientização e apoio logístico para os/as trabalhadores/as rurais, sobretudo, para as reuniões do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no território nacional.⁴³

De volta a proposta de confluir a práxis transformadora com o conceito de intelectual orgânico, a partir de novos paradigmas da Bíblia, Walter Brueggemann é importante para esse debate, porque suas propostas pastorais além de emergirem da Bíblia Hebraica, assim como as de Schwantes e Mesters, pressupõem que uma “teologia responsável do Antigo Testamento em uma comunidade eclesial hermenêutica é uma interpretação feita em uma linguagem que seja congruente com o contexto da vida da comunidade, mas que seja derivada e autorizada pela linguagem do testemunho do texto”⁴⁴.

Para Brueggemann, uma comunidade eclesial hermenêutica – o que será tratado doravante como comunidade eclesial orgânica, que reconhece inicialmente no modelo de Brueggemann os aspectos elementares da interpretação da Bíblia – renova constantemente seu envolvimento com a *mutterprach*, isto é, a linguagem materna tanto da igreja quanto da sinagoga, ou melhor, a linguagem da fé de Israel antigo.⁴⁵

Brueggemann critica duramente a igreja ocidental pelo fato dela ter sido “extremamente tentada a fala na linguagem dos outros, exceto a sua própria”⁴⁶. Para ele, o discurso eclesial ocidental é racionalista e inseriu o ser humano como protagonista nas ações que, em Israel antigo, teriam sido tratadas como emanações divinas. Além disso, ele critica as tendências reducionistas do testemunho bíblico em categorias fixas do escolaticismo, o que teria culminado no congelamento de verdades absolutas.⁴⁷

O novo paradigma interpretativo da Bíblia proposto por esse exegeta e teólogo considera que a “teologia do Antigo Testamento, em contexto eclesial, é uma atividade para recuperação de uma linguagem de discurso e de vida que seja congruente com o conteúdo da fé de Israel”⁴⁸. Brueggemann não perde de vista a importância do

⁴³ ISSA, Daniela. Praxis of empowerment: mística and mobilization in Brazil’s landless rural workers’ movement (MST). In: STAHLER-SHOLK, Richard; VANDEN, Harry E.; BECKER, Marc. *Rethinking Latin American Social Movements: radical action from below*. Londres: Rowman and Littlefield, 2014. p. 89.

⁴⁴ BRUEGGEMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa*. São Paulo: Paulus; Academia Cristã, 2014, p. 962.

⁴⁵ BRUEGGEMANN, 2014, p. 963.

⁴⁶ BRUEGGEMANN, 2014, p. 963-964.

⁴⁷ BRUEGGEMANN, 2014, p. 963-964.

⁴⁸ BRUEGGEMANN, 2014, p. 964.

ferramental da exegese clássica, mas, ao invés de propor sua subserviência à pastoral, no contraponto do pensamento de Schwantes e Mesters, ele sugere que o conteúdo da fé israelita seja interpretado, no contexto de uma comunidade eclesial, com uma profunda sensibilidade com as questões teológicas e suas implicações sociais na contemporaneidade, abrindo espaço para que teólogas e teólogos exerçam sua função de intelectuais orgânicos.

A proposta teológica, comunitária, eclesial e interpretativa da Bíblia empreendida por Brueggemann está eivada da organicidade sugerida por Gramsci e das concepções em torno da ação pastoral como práxis transformadora delineadas anteriormente. Para ele, o testemunho do povo de Israel acerca de Yahweh possui duplo aspecto, a saber: “visa reordenar *a vida interna* da comunidade de uma maneira fiel a Javé, [...] visa convidar *o mundo que transcende* essa comunidade a reordenar sua vida em relação a Javé”⁴⁹. Logo, a organicidade se manifesta na capacidade que as testemunhas – do passado e da contemporaneidade – têm para determinar o formato interno da comunidade, bem como do mundo.⁵⁰

Tendo em vista o horizonte hermenêutico de Brueggemann, é notório o potencial de engajamento da teóloga e do teólogo como intelectuais orgânicos. Elas e eles emergem como agentes de transformação, que, nas palavras de Leonardo Aurélio e Claudete Ulrich, forjam “uma esperança ativa, alimentam-se de uma espiritualidade engajada na vida concreta, cotidiana daqueles e daquelas que permanecem à beira do caminho, as pessoas excluídas da sociedade”⁵¹, e entendem, de igual modo, como “assessorar a comunidade ou o grupo com que trabalha”⁵².

A atuação de teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos no contexto de uma comunidade eclesial orgânica pode contribuir para a construção de uma sociedade democrática, ajudando pessoas no processo de tomada de consciência em relação à situação de dominação na direção da autonomia, forjando sujeitos históricos. Ao levar em conta o pensamento de Gramsci em relação à igreja, uma comunidade eclesial orgânica pode atuar como base e veículo para a ideologia dominante, o que, nas palavras de Althusser, insere tal comunidade no âmbito dos “aparelhos de hegemonia”⁵³.

A invenção de uma comunidade eclesial orgânica pressupõe a junção de teólogas e teólogos atuantes como intelectuais orgânicos

⁴⁹ BRUEGGEMANN, 2014, p. 964.

⁵⁰ BRUEGGEMANN, 2014, p. 968.

⁵¹ AURÉLIO; ULRICH, 2017, p. 133.

⁵² AURÉLIO; ULRICH, 2017, p. 133.

⁵³ ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p. 68.

com um compromisso dialético com a ação pastoral como práxis transformadora, o que, nas palavras dos irmãos Boff, poderia ser classificado, também, como uma responsabilidade com a *teoria da fé e a prática da caridade*. Para os irmãos Boff:

A Teologia é sempre um ato segundo, sendo o primeiro a ‘fé que opera pela caridade’ [...]. A Teologia vem depois (não o teólogo), primeiro vem a prática libertadora. Importa, pois, ter primeiro um conhecimento direto da realidade da opressão/libertação através de um engajamento desinteressado e solidário com os pobres. Esse momento pré-teológico significa realmente conversão de vida, e essa envolve uma ‘conversão de classe’, no sentido de levar à solidariedade efetiva com os oprimidos e sua libertação.⁵⁴

A formação de uma comunidade eclesial orgânica exige uma sensibilidade teológica como resultado imediato de um contato físico genuíno com as pessoas em situação de sofrimento na sociedade contemporânea. Essa é a condição *sine qua non* para o estabelecimento de uma comunidade eclesial orgânica para compor um quadro de teólogas e teólogos para atuar como intelectuais orgânicos.

O objetivo de formar uma comunidade nesse espectro tem a ver com a necessidade de formar teólogas e teólogos para além de uma atuação em púlpitos e gabinetes, mas, antes, prepará-los como intelectuais orgânicos para a militância aliados à pastoral e às pessoas em situação de sofrimento na sociedade. Por isso, como já dito, a produção acadêmica não deveria sumarizar o trabalho de uma teóloga e teólogo orgânico, pois sua função ínsita e versátil pressupõe uma ligadura a “uma comunidade concreta, inserido nela vitalmente”⁵⁵.

Por último, restringir-se apenas ao conhecimento científico e teológico limita a práxis transformadora de teólogas e teólogos orgânicos, impedindo a formação de uma comunidade eclesial orgânica nos termos aqui apresentados, bem como os condiciona a uma teologia não encarnada e aquém à realidade das pessoas em situação de sofrimento. Nesse sentido, para empreender ação pastoral como práxis transformadora, uma comunidade eclesial orgânica – constituídas por teólogas e teólogos orgânicos – deveria se adaptar à coletividade orgânica e articular uma teologia

⁵⁴ BOFF; BOFF, 2010, p. 38.

⁵⁵ BOFF; BOFF, 2010, p. 33.

direcionada às e para as pessoas em situação de sofrimento na sociedade contemporânea.

Conclusão

Para imaginar a formação de uma comunidade eclesial orgânica, tomou-se como base o trabalho pastoral desenvolvido e realizado nas CEBs, no auge da Teologia da Libertação, visando refletir sobre alguns limites e/ou fragilidades epistemológicas identificadas, e pensar em novas maneiras de “dar voz aos que não têm voz”, a partir de novos paradigmas interpretativos da Bíblia e da atuação de teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos para desenvolver uma ação pastoral como práxis transformadora na contemporaneidade. O engajamento de teólogas e teólogos orgânicos pode ganhar muito com a formação de uma comunidade eclesial orgânica, isto é, um espaço para o desenvolvimento de uma teologia que pressuponha a dialética da ação, reflexão e ação.

Portanto, a invenção de uma comunidade eclesial orgânica emerge como um campo fértil para o exercício de teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos. A organicidade dessas teólogas e teólogos também pressupõe uma espiritualidade encarnada e engajada na vida das pessoas em situação de sofrimento e pobreza na sociedade contemporânea. Teólogas e teólogos orgânicos estabelecem relações interdisciplinares com outras ciências e, por isso, podem contribuir no processo de formação de uma comunidade eclesial orgânica para o desenvolvimento da ação pastoral como práxis transformadora.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- AURÉLIO, Leonardo B.; ULRICH, Claudete B. O teólogo e teóloga como intelectuais orgânicos: construção de uma esperança ativa. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 120-134, 2017.
- BETTO, Frei. *O que é comunidade eclesial de base*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

- BRIGHENTI, Agenor. Ciência da Religião aplica à ação pastoral. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 663-673.
- BRUEGGEMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa*. São Paulo: Paulus; Academia Cristã, 2014.
- CRUZ, Wallace S. O lugar do pobre para uma práxis profético-ecumênica: a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021.
- CRUZ, Wallace S.; ULRICH, Claudete B. A formação de “biblistas orgânicos” a partir da Ciência Prática da Religião: um tributo a Milton Schwantes. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 124-143, 2023.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: introdução ao estudo da filosofia – a filosofia de Benedetto Croce*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- ISSA, Daniela. Praxis of empowerment: mística and mobilization in Brazil’s landless rural workers’ movement (MST). In: STAHLER-SHOLK, Richard; VANDEN, Harry E.; BECKER, Marc. *Rethinking Latin American Social Movements: radical action from below*. Londres: Rowman and Littlefield, 2014. p. 85-100.
- LÖWY, Michel. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. *Revista Plural*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2011.
- MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MESTERS, Carlos. Como se faz teologia bíblica hoje no Brasil. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 1, p. 7-19, 1984.
- MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RIBEIRO, Osvaldo L. Viver hermeneuticamente no mundo: pragmática como ação humana intencional e situada. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 105-120, 2009.
- ROIO, Marcos D. Gramsci e a educação do educador. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 26, n. 70, p. 311-328, 2006.
- SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 1, p. 31-49, 1984.

SCHWANTES, Milton. Caminhos da teologia bíblica. Revista de Estudos Bíblicos, Petrópolis, n. 24, p. 9-19, 1989.

SCHWANTES, Milton. Javé abrigou: anotações teológicas à luz do livro de Sofonias. Revista Estudos de Religião, São Bernardo do Campo, n. 13, p. 25-44, 1997.

SILVA, José S. Intelectual orgânico: organizador, educador e dirigente político. Revista Plurais, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 84-105, 2011.

SIMIAN-YOFRE, Horácio. Metodologia do Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2011.

SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: UFMG, 2018.

TERRA, Kenner R. C. Opção pelos pobres e recepção da Bíblia: a leitura bíblica na teologia da libertação. Revista Reflexus, Vitória, a. VI, n. 8, p. 63-75, 2012.